



Irã reabre Ormuz, EUA mantêm bloqueio

Chanceler iraniano anuncia que o país permitirá a passagem de navios pelo estreito vital para o comércio mundial de petróleo. Trump celebra, mas descarta aliviar restrição a navios do adversário, e Teerã ameaça retomar a medida de força

» RODRIGO CRAVEIRO

Ibrahim Amro/AFP

O Irã decidiu reabrir o Estreito de Ormuz, via marítima responsável pelo escoamento de 20% da produção mundial de petróleo. “Em linha com o cessar-fogo no Líbano, a passagem para todos os navios comerciais é declarada completamente aberta pelo período restante do cessar-fogo, na rota coordenada anunciada pela Organização de Portos e Marítima da República Islâmica do Irã”, declarou o ministro das Relações Exteriores iraniano, Abbas Araghchi. O anúncio fez com que os preços do petróleo ficassem em forte queda, na casa de 10%, mas o dia terminou com o receio de uma marcha à ré: o presidente do parlamento iraniano, Mohammad Bagher Ghalibaf advertiu que a passagem, voltará a ser fechada se os EUA não suspendem o bloqueio que mantém contra os portos da República Islâmica.

O presidente Donald Trump usou a própria plataforma Truth Social para celebrar a decisão inicial de Teerã. “O Irã concordou em nunca mais fechar o Estreito de Ormuz. Ele não será mais usado como arma contra o mundo”, escreveu o republicano. De acordo com o titular da Casa Branca, com ajuda norte-americana, o Irã “removiu ou está removendo todas as minas marítimas”.

Trump alertou, porém, que o bloqueio naval dos EUA seguirá vigente para navios com origem ou destino em portos iranianos. “Ele será mantido em pleno vigor e efeito no que diz respeito ao Irã — e apenas ao Irã — até o momento em que nossa transação com o Irã estiver 100% concluída”, escreveu em sua postagem na rede social. De acordo com o presidente norte-americano, o diálogo com o regime islâmico de Teerã deve caminhar “muito rapidamente”. “A maioria dos pontos foi negociada”, assegurou o presidente.



Libaneses começam a voltar para suas casas

Pouco depois do anúncio do cessar-fogo de 10 dias entre Israel e Líbano, milhares de libaneses começaram a retornar para suas casas, no sul do país, em meio à incerteza do que encontrariam. Centenas de carros aguardavam para atravessar a Ponte Al-Qasmiya, sobre o Rio Litani, que sofria reparos depois de ser destruída em um ataque aéreo, na quinta-feira. Desde o começo da guerra entre Israel e Líbano, pelo menos 2.294 pessoas morreram nos bombardeios israelenses — incluindo 274 mulheres e 177 crianças. As estatísticas foram divulgadas pelo Ministério da Saúde libanês. O presidente do Parlamento do Líbano, Nabih Berri, pediu aos deslocados pela guerra para que adiem a volta para o lar. “Instamos a todos a terem paciência e a adiarem o seu regresso às suas cidades e aldeias até que a situação e os acontecimentos se tornem mais claros, em conformidade com o acordo de cessar-fogo”, declarou Berri. Mais de 1 milhão de libaneses foram expulsos de suas casas.

Fragilidade

O iraniano-americano Trita Parsi, analista do think tank Quincy Institute for Responsible Statecraft, disse ao **Correio** que “Trump não impôs um bloqueio real, e os iranianos não abriram, realmente, o estreito”. “Em âmbito interno, a interrupção de navegação no

estreito, por parte dos EUA, seria o máximo de pressão sem necessidade de uma ofensiva terrestre. Politicamente, isso expõe uma fraqueza: se Trump teve uma vitória decisiva, não precisava lançar mão de um instrumento coercitivo arriscado.”

Na manhã de ontem, o presidente americano assegurou que “Israel não mais bombardeará o

Líbano”. “Eles estão proibidos de fazê-lo pelos EUA”, avisou. Também disse que Washington “recederá todo o ‘pó’ nuclear gerado” pelos bombardeiros B2 — uma referência ao urânio enriquecido sepultado pelos ataques dos Estados Unidos em 2025. A julgar pela reação do Irã, o anúncio de Trump não faz parte das

tratativas entre os dois países. “O urânio enriquecido do Irã não vai ser transferido para lugar nenhum”, garantiu Esmail Baghaei, porta-voz do Ministério das Relações Exteriores iraniano, em entrevista a uma emissora de televisão estatal. “Uma transferência do urânio enriquecido do Irã para os EUA nunca foi cogitada.”



O Irã concordou em nunca mais fechar o Estreito de Ormuz novamente. Ele não será mais usado como uma arma contra o mundo”

Donald Trump,
presidente dos Estados Unidos

Em entrevista à agência de notícias France-Presse, o americano foi enfático, ao comentar o diálogo entre Teerã e Washington. “Estamos muito perto de chegar a um acordo. Não há pontos conflituosos.”

Especialista em segurança nacional da Universidade de Notre Dame, Eugene Gholz lembrou ao **Correio** que o Irã anunciou antes que Ormuz estava aberto. “Eles querem dizer que a passagem está livre para qualquer navio que siga os procedimentos do Irã. A diferença é que Teerã não mencionou a cobrança de pedágio. Isso porque uma condição — cessar-fogo no Líbano — foi atendida”, avaliou.

Segundo Gholz, o Irã, agora, mostra interesse em “recompensar” o mundo. “O Irã se mostrará, por um tempo, muito mais flexível em permitir que navios deixem o Golfo Pérsico com facilidade”, disse. O estudioso admitiu que o custo para economia mundial de um bloqueio efetivo seria substancial. “Até o momento, ele tem sido especulativo. Não há escassez real de petróleo devido aos estoques que não foram usados. Para causar uma escassez real de petróleo, o estreito teria que ficar fechado por alguns meses. Isso seria muito ruim para a economia. Muito ruim mesmo.”

Conexão diplomática



por Silvio Queiroz
silvioqueiroz.df@gmail.com

Tem mais um na ordem multipolar

À margem dos últimos movimentos no cenário de guerra do Oriente Médio, e do jogo diplomático entre as partes e terceiros e quartos interessados, uma voz até então discreta entrou em campo. A ameaça de Donald Trump de extinguir a civilização persa tirou do silêncio o papa Leão XIV.

Depois de condenar sem rodeios o compatriota, o líder espiritual de 1,5 bilhão de católicos sustentou uma dura troca de declarações. Chegou a dizer, com todas as letras, que “não tem medo” do presidente dos EUA. Em viagem pela África, voltou a criticar “os tiranos que gastam bilhões em guerras”.

Justamente no ponto em que China e Rússia sobem o tom das advertências a Washington — e ao aliado israelense —, o primeiro papa norte-americano recoloca a Igreja no tabuleiro geopolítico. E com uma postura até mais direta e assertiva

que a do antecessor imediato, o argentino Francisco, primeiro latino-americano a sentar-se no Trono de Pedro.

Decano da matéria

A arte da diplomacia desenvolveu-se na Antiguidade, muitos séculos antes da era cristã. Mas a Santa Sé consta como a entidade estatal pioneira no estabelecimento de um corpo diplomático estável e “profissional”, por assim dizer.

O peso geopolítico do papado atingiu o ápice na Idade Média, quando apadrinhou as cruzadas, interferiu em conflitos, arbitrou disputas e ungiu — ou excluiu — governantes. A influência do Vaticano entrou em declínio na Idade Contemporânea, mais notadamente no século 20. Mas ressurgiu nos lances finais da Guerra Fria.

Leão XIV dá sinais de que se dispõe a seguir a trilha de dois dos últimos três papas.

Cortina rasgada

Nos anos 1980, João Paulo II foi uma das forças motrizes para o desmanche do bloco socialista do Leste Europeu e, em última instância, para a dissolução da União Soviética. Primeiro pontífice nascido na região, e adversário frontal do regime comunista na terra natal, o polonês Karol Wojtyła foi escudo para o sindicato independente Solidarnosc.

Uma década antes da queda do Muro de Berlim, as greves nos estaleiros de Gdansk começaram a rasgar a chamada Cortina de Ferro.

Bloqueio arranhado

O cardeal argentino Jorge Bergoglio calçou as Sandálias do Pescador na sucessão papal mais atípica em séculos, precipitada pela renúncia de Bento XVI. Se o

alemão Joseph Ratzinger era mais um teólogo e acadêmico do que um político, Francisco deixou sua marca justamente na região que representou à frente da Santa Sé.

À parte as intervenções contundentes em temas sociais e políticos, o “papa que veio do fim do mundo”, como se apresentou aos fiéis em seguida à eleição, foi artífice do reatamento de relações diplomáticas entre EUA e Cuba, em 2015, após meio século de rompimento. Fez a ponte entre Barack Obama e Raúl Castro.

A aproximação foi freada no primeiro mandato de Donald Trump, que agora, de volta à Casa Branca, tenta sufocar a ilha comunista com um mata-leão energético. Mas as respectivas embaixadas seguem abertas em Washington e Havana.

Brics “na moita”

O tom firme de Leão XIV contrastou firmemente com a prudência exercitada até aqui pelo Brics, embora o Irã seja membro pleno do bloco. Foi apenas nos

últimos dias que a China advertiu mais claramente a Casa Branca para os riscos crescentes da escalada com o Irã — principalmente, o ensaio de uma batalha naval em torno do Estreito de Ormuz.

A ligeira inflexão coincidiu com a presença em Pequim do chanceler russo, Sergei Lavrov. Em suas declarações, tanto mais depois da reunião com o presidente Xi Jinping, o emissário de Vladimir Putin ressaltou a inquietação do Kremlin com uma crise da qual a Rússia, até aqui, colheu dividendos, na condição de grande exportadora de petróleo.

A aparente hesitação do Brics reflete os cuidados de dois outros pesos-pesados. A Índia zela pelos laços que mantém com os EUA, em especial no campo da defesa. No Brasil, o presidente Lula solta a conta-gotas palavras de censura a Trump e ao premiê israelense, Benjamin Netanyahu. Mas se preserva de indisposições com setores críticos do eleitorado, como os evangélicos, na largada da campanha pelo quarto mandato — disputa que se presuncia acirrada.